

## A IMPORTÂNCIA DE INTELLECTUAIS NEGROS NO ENSINO DE FILOSOFIA<sup>1</sup>

Liliane Ferreira dos Santos<sup>2</sup>

Valdete da Silva Santos<sup>3</sup>

Gilmara Coutinho<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

No que se refere ao campo da educação de qualquer que seja o país, o ensino e a propagação de sua cultura é indispensável, e é geralmente disseminado por disciplinas como: História, Geografia, A língua Local e Sociologia. Seguindo essa lógica, os filósofos a serem estudados na disciplina de Filosofia também deveriam representar e discutir sua própria cultura, não que os que são estudados não estejam falando de sua cultura, muito pelo contrário, discutem bem até demais, porém o problema está no fato de que não discutem ou abrangem todos os países em que são ensinados. Ora, convenhamos que o que se passa no Brasil não é exatamente o que se passa na Europa, logo não há sentido em resolver os problemas encontrados aqui com métodos que solucionaram os de lá.

Um país como o Brasil, rico em culturas e etnias, principalmente em relação à cultura negra, esta que está representada na pele e descendência da maior parte da população, deveria se preocupar em enaltecer e evidenciar nas academias cursos que discorram sobre a importância do indivíduo na história e formação do Brasil, no caso em questão, a importância de pensadores e intelectuais negros dentro da filosofia, política, problemas relacionados às classes sociais, movimentos étnicos sociais, movimentos culturais, na educação, entre outros. No entanto, mesmo no século atual é visível que a cor da pele é o que muitas vezes determina o alcance de uma pessoa, o que torna inevitável a atribuição dessa situação ao racismo.

Como o racismo é um tema que gera muita discussão e interesse principalmente daqueles que se enquadram como vítimas porque sabem das dificuldades, descasos e desvalorizações, ressaltar a importância de intelectuais dessa estirpe está intimamente ligado à resolução do problema, sabendo que estes intelectuais lutam para falar tudo aquilo que geralmente é silenciado em relação à raça negra. É isto e muito mais que torna o problema tratado digno de uma pesquisa mais aprofundada para que, assim, se possa ir contra ideologias de cunho racistas e de caráter dominante que são até mesmo defendidas pelo próprio negro, já que aqui concordamos com o sociólogo Florestan Fernandes, quando afirma concisamente que para o negro obter qualquer privilégio na vida teria que aceitar sua submissão perante um branco através de um processo de branqueamento, que consiste em uma pessoa negra abandonar o máximo possível de suas características, seja alisando seu cabelo naturalmente crespo, afinando o nariz, clareando a cor da pele ou matando sua cultura e crença quando opta por exercer a cultura daquele que lhe submete.

Esse fenômeno também ocorre na filosofia, e ainda segundo Florestan Fernandes, quando em 1969 o embranquecimento se fez mais necessário a aquele que é dominado:

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa foi financiada pela CAPES, através do programa Residência Pedagógica.

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [ferreiraliliane03@gmail.com](mailto:ferreiraliliane03@gmail.com).

<sup>3</sup>Graduanda pelo Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [waldetesantos61@gmail.com](mailto:waldetesantos61@gmail.com).

<sup>4</sup>Coautora e Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual da Paraíba - PB, [gilmara.coutinho.uepb@gmail.com](mailto:gilmara.coutinho.uepb@gmail.com).

A filosofia política da solução da questão negra baseou-se sobre o velho padrão da absorção gradual dos indivíduos negros através da seleção e assimilação daqueles que escolhessem se identificar a si mesmos com os círculos dominantes da raça dominante e manifestar completa lealdade aos seus interesses e valores sociais (FERNANDES, apud GUIMARÃES, 2007. p. 57).

Por este motivo, o presente estudo tem como objetivo evidenciar a necessidade e importância na área da educação de pesquisa e de estudos dos trabalhos e obras de filósofos e filósofos negros, buscando assim uma melhor relação entre culturas, raças e povos pautadas no respeito e aceitação do outro, principalmente num país como o Brasil que é uma verdadeira mistura de todas as raças. Além disso, também faz parte do objetivo desse trabalho contribuir para uma extinção gradativa em relação ao menosprezo sofrido pelo povo negro, para que seja então possível uma convivência proveitosa entre todas as raças.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A metodologia empregada foi à pesquisa bibliográfica, o uso da análise e leitura dos textos que serão destacados nas referências, tais como revistas, artigos, internet e livros físicos. Pautou-se também na experiência do que é relatado e alguns debates e discussões com colegas que se interessam pelo assunto. Como o tema tratado foi A Importância de Intelectuais Negros no Ensino de Filosofia, os textos priorizados foram os que tinham como assunto principal o racismo, o descaso e a exclusão de negros assim como também textos de filósofos e filósofos negros.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Certamente uma aplicação bem empregada do ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas de nosso país, sem o boicote do Artigo 26. A, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que põe em vigor a obrigatoriedade do ensino destas culturas, juntamente com professores capacitados e que possuem domínio teórico do assunto, seria então possível a disseminação das ideias propostas pelos autores já citados acima que tanto lutaram e lutam por um espaço para mostrar que negro o é capaz de pensar, criar e que são tão bons nas atividades intelectuais quanto um europeu ou qualquer outro. O que lhe falta é espaço, atenção e oportunidades nas academias, assim como no Brasil. Um investimento nesta área de ensino diminuiria a quantidade e o alcance do racismo, com o seu ensino, automaticamente os alunos seriam aos poucos conscientizados de que isso era apenas uma diferença ideológica implantada ao longo de sua formação, a inferioridade de uma pessoa pela cor da sua pele não passa de uma desculpa criada apenas para legitimar a colonização de um povo sobre o outro e que, infelizmente, um discurso tão sem sentido tenha se perpetuado e se normalizado até os dias atuais.

Quando se busca conhecer obras de pensadores deste caráter, o que se encontra é a constante preocupação deles em discorrer sobre o racismo, em seus trabalhos estão sempre procurando se afirmar, como o historiador Cheikh Anta Diop que viveu uma época onde o racismo e o colonialismo estavam em seu auge nas academias. Devido a isto, Diop transformou tal problema em sua tese e posteriormente em livro.

Aliás parece que todo negro está constantemente buscando aceitação aonde quer que vá, graças a uma supremacia estabelecida historicamente e instalada intrinsecamente tanto na alma e pele do negro quanto na do branco. A sociedade esquece ou finge esquecer o fato da

contribuição da raça negra na construção e desenvolvimento do Brasil, pois ela se recusa a dar qualquer tipo de crédito, mas Quirino nos lembra tal dívida:

Foi o trabalho do negro que aqui sustentou por séculos e sem desfalecimentos, a nobreza e a prosperidade do Brasil: foi com o produto do seu trabalho que tivemos as instituições científicas, letras, artes, comércio, indústria, etc., competindo-lhe, portanto, um lugar de destaque, como fator da civilização brasileira. (Quirino apud GUIMARÃES, 2007. p. 60)

Assim, seguindo o exemplo de Quirino e Diop, este trabalho também vai salientar a importância de intelectuais negros no campo da filosofia, indivíduos que por vezes são sabotados pelo colonialismo europeu, que não considera o pensamento negro como filosofia, não lhes dando a devida valorização ou espaço. Ao longo do curso de filosofia, percebe-se que não há a presença de pensadores de países negros, até mesmo um aluno que se identifique com o assunto tem dificuldade de achar um profissional da educação formado e capacitado na cultura e filosofia negra ou de um negro, mesmo que pertença a um país branco, e isso nos levanta muita curiosidade e algumas questões: qual seria o motivo por trás de tamanha ausência? Seria a falta de capacidade da raça negra ao exercer tal atividade, ou seja, de pensar? Ou seria a falta de oportunidades acompanhada de exclusão desses mesmos na filosofia ocidental? Essa questão chama a atenção de um aluno que tenha interesse em aprender sobre esta cultura, principalmente se ele também tem a pele escura, tal questão o faz pensar que tanto ele quanto os demais semelhantes estão fadados a terem o mesmo destino ou aproximada dificuldade.

Fechar os olhos diante do problema exposto acima é permitir que os até então estudantes do ensino médio de pele escura ou não que pretendem ingressar na filosofia entrem neste mesmo sucateamento. Em outras palavras, passarão pelo curso provavelmente sem a noção de que há pensamentos que vão além dos que a academia oferecem. Seria permitir que uma mulher negra ou de qualquer outra raça ou gênero passassem pela filosofia sem saber da existência da filósofa contemporânea Marie Pauline Eboh e sua filosofia ginista, na qual é feita uma crítica a origem das palavras femininas e suas noções, e constatado que são derivadas do homem e através de sua perspectiva:

Por exemplo, sua “indulgência” ao “segundo sexo” é tanta, que a mulher pode apenas ser definida a partir de termos em que o homem julga que ela deve ser nomeada depois dele: wo/man, fe/male. O “man” em “woman” e o “male” em “female” são partes de suas doações conceituais. A consequência natural para esta concepção é a ideia de que a mulher é dita apenas em função do homem. (EBOH, 2000. p. 1)

Uma visão feminista que tenha ganhado reconhecimento e gerado determinado impacto é rara, e uma visão feminista e negra é mais rara ainda. Eboh não é a única filósofa negra que têm algo a falar, pois há outras mulheres negras que fazem da sua filosofia palco de saber e mudanças que assim como Eboh são encobertas, não por incapacidade, mas por preconceito. Uma filosofia feminina aceita e estudada academicamente conta-se nos dedos, ao passo que uma filosofia feminina e negra se conta só em um e em sua maioria em nenhum.

Pelo fato de as universidades brasileiras estarem repletas de pensamentos europeus que são identificados como dominantes, um aluno negro que não se identifica com essa cultura ou simplesmente quer ter mais horizontes se vê obrigado a se submeter a este currículo e acaba continuando a linha de exclusão de pensamentos negros. Sartre, em um ensaio intitulado *Reflexão Sobre o Racismo* falou da questão judaica e também mencionou o negro, afirmando que estes são vítimas da cultura dominante, mas não porque fizeram o mal e sim

por conta de um sistema de pensamento que nos é contada sobre eles, história essa que só é avaliada a partir da visão dos europeus que submetem os demais povos a certa inferioridade em comparação a eles.

Aquele filósofo ainda adverte que “o melhor meio de não mais sentir-se judeu é raciocinar, pois o raciocinar é válido para todos e pode ser feito por todos: não há uma maneira judaica de se fazer matemática, assim o judeu matemático se desencarna e torna-se um homem universal quando raciocina” (SARTRE, 1978. p. 6), porém diferentemente do que o filósofo afirmou, o negro não usou o raciocínio para escapar ou negar quem era e tentar a aceitação do branco, mas sim para provar que mesmo não tendo a pele clara, o exercício do filosofar que lhe é dito ser privilégio apenas do branco europeu é acessível e patrimônio de todos aqueles que a ele se dedicam ou o quiser. É por estes e outros motivos que se faz necessário a comprovação e relevância da filosofia feita por negros, não importando a nacionalidade, tendo em vista que suas lutas contra o preconceito e discriminação são diárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de palestras e debates desta natureza onde sejam mostradas a visão desses filósofos seria de grande ajuda para o alunado também, pois gerariam muitos interesses. Assim como mostrar a luta e a resistência desse povo que já dura séculos, mas que mesmo assim ainda prega um tipo de filosofia denominada *unbutu*. Esse tipo de filosofia é considerada um humanismo assim como o existencialismo, *unbutu* prega a importância dos seres agirem em comum, afirmando que só assim o homem e a mulher seriam capazes de desfrutar as potencialidades humanas. A propagação dessa filosofia através do ensino seria uma importante ferramenta nas salas de aula, já que desta maneira evidenciaria a contribuição de filosofias negras ressaltando sua importância tanto para a cultura quanto para a formação do cidadão, mas é claro que essa não é a única corrente de pensamento negra, existem muitas outras que merecem nossa atenção e evidentemente são dignas de serem estudadas, pois diferentemente do que afirmam alguns outros filósofos, se faz “claro”, ou melhor, “escuro” o fato de que a raça e a cultura negra são suficientemente capazes de serem ouvidos e lidos, reconhecidos e estudados. Sendo assim, fica explícito aqui a importância de intelectuais negros e negras para o ensino de filosofia e para a formação humana.

## REFERÊNCIAS

CABRERA, Júlio. **O Estudante de Filosofia Como Vítima Acadêmica** (Uma reflexão sobre razão vitimária desde Enrique Dussel e Paulo Carbonari).

DIOP, Cheikh Anta. **The African Origin of Civilization: Myth Or Reality**. [S.l.]: Lawrence Hill Books, 1974. 336 p.

DUSSEL, E. D. **Filosofia da Libertação na América Latina**. 2ª Ed. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo, Loyola/UNIMEP, 1997.

EBOH, Marie Pauline. Teia Androcêntrica e Filosofia Ginista. In: **Quest Na African Journal Of Philosophy**. Tradução para uso didático de: Olga Rodrigues de Lima Souza. Vol. XIV. No. 1-2 2000.

GARCIA, Amanda Veloso. **A Colonialidade na Filosofia do Brasil e o Problema da Identidade Psicossocial**. In: **PERI**. V. 09. N, 01. 20017.p 177-200.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito Racial:** Modos, Temas e Tempos. Princeton, outubro de 2007.

MUNANGA, Kabengele. Entrevista de Kabengele Munanga: A Difícil Tarefa de Definir Quem é Negro no Brasil. *In: Estudos Avançados*, 2004. p 51-56.

NOGUEIRA, Renato. Unbutu Como Modo de Existir: Elementos Gerais para uma Ética Afroperspectivista. *In: Revista da ABPN*. V. 3, n. 6. Novembro de 2011 – fevereiro de 2012. p 147-150.

ROCHA, Aline Matos da. A Exclusão Intelectual do Pensamento Negro. **Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília ProIC/DPP/UNB – PIBIC**. Ações Afirmativas (CNPq) 2012/2013 sob a orientação do prof. Wanderson Flor do Nascimento.

SARTRE, Jean Paul. **Resumo de: Reflexões Sobre o Racismo**. Ed: Difusão Editorial, 1978.

SILVA, Fernanda Pereira da. Por Que Estudar Intelectuais Negros?. *In: Revista da ABPN*. Vol, 10. N, 24. Novembro de 2017 – fevereiro de 2018, p 264-274.